

29/11/93

# Acessos a Maputo estiveram cortados

Residentes da periferia de Maputo chegaram a erguer barricadas, bloqueando os acessos à Baixa da capital moçambicana em protesto contra o aumento de 100 por cento dos transportes privados semicollectivos.

Os proprietários dos chamados «Chapas» justificaram a sua atitude com o aumento segunda-feira última em cerca de 30 por cento dos preços de combustíveis, anunciado pelo Governo através de um aviso publicado na Imprensa.

Após um aparente conformismo dos residentes na terça-feira, mas também alguns sinais de resistência a pagar, no dia seguinte de manhã o cenário mudou, com manifestações esporádicas em diversos pontos periféricos da capital.

Unidades da Polícia Anti-Motim acompanharam a evolução dos acontecimentos nalgumas áreas.

Os órgãos de comunicação social locais dedicaram grande destaque ao aumento dos preços de carburantes anunciados pelo Executivo, que se traduziu na duplicação das tarifas dos «Chapas», meio de transporte obrigatório para o trabalhador comum nas principais urbes de Moçambique.

«Bem poderia o anúncio do Governo, tornado público segunda-feira, sobre o agravamento dos preços de combustível, ter inserido na parte final, em letras gordas o seguinte: Isto é um assalto», escreveu, em comentário, no jornal oficioso «Notícias» Rogério Sitói, director adjunto daquele diário.

Um professor primário, por exemplo, ganha mensalmente 115 mil meticais (cerca de 3.800 escudos) e em viagens de e para o serviço teria que desembolsar 60.000 meticais (2.000 escudos). O pão custa aproximadamente mil meticais (90 escudos/mês), à razão de um pão por dia.

Regra geral, o agregado familiar de um moçambicano é constituído por cinco elementos.

«A questão pertinente é perguntar: e os honestos, continuarão eles orgulhosamente sós? Por quanto tempo?», termina assim o comentário de Rogério Sitói, publicado com destaque no diário oficioso moçambicano.